



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

PROJETO DE LEI 01 - PL
01-0583/1996

Altera normas de uso e ocupação de solo de área situada no Distrito de Santana.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO decreta:

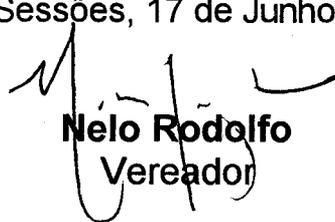
Art. 1º - Fica excluída das normas de uso e ocupação de solo descrita no quadro nº 8 B, anexo à Lei nº 8.328 de 02 de dezembro de 1975, a zona de uso **Z 8 003**.

Art. 2º - O perímetro descrito no art. 1º desta lei passa a integrar a zona de uso **Z 16**, cujas características de uso e ocupação do solo constam do quadro 2 C, anexo à Lei nº 8.769 de 31 de agosto de 1978.

Art. 3º - As despesas decorrentes da execução desta lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 4º - A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 17 de Junho de 1996.


Nelo Rodolfo
Vereador



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

JUSTIFICATIVA

Visa a presente propositura a transformação da zona de uso Z-8-003 para zona de uso Z-16, conforme justificamos abaixo.

Sobre a necessidade de imploração do complexo penitenciário do Carandiru não se discute mais - tamanhos são os problemas que ele vem apresentando que tem chamado a atenção até de órgãos internacionais.

A construção de oito penitenciárias menores espalhadas pela Grande São Paulo desponta como a solução para um sistema caótico, desumanamente superlotado e que já não atinge as metas básicas de um sistema penitenciário: manter os detentos presos de uma forma digna, isolando-os dos de alta periculosidade, com o objetivo de reabilitá-los para a vida em sociedade através de atividades técnicas e profissionalizantes.

Tal projeto de reformulação penitenciária coloca à disposição da população de São Paulo uma área imensa, de mais ou menos quarenta alqueires sendo dois de mata atlântica virgem; é da ocupação dessa área que trata este projeto de lei.

Ora, as verbas federais e estaduais para se levar a cabo projeto tão essencial já existem, conforme declarações do Presidente do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária e Diretor do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) do Ministério da Justiça, Paulo Tonet Camargo ("O Estado de São Paulo" de 04/06/96) e do Secretário da Administração Penitenciária, João Benedito de Azevedo Marques ("O Estado de São Paulo" de 02/06/96). A existência de tais verbas torna inadmissível a idéia de se submeter uma área de aproximadamente 960.000 m² à iniciativa privada com a desculpa de se levantar dinheiro para o custeio do projeto - ao contrário, tal acordo só acarretaria especulação imobiliária desmedida, do interesse de alguns poucos.

Uma área como a do Carandiru deve ser transformada num parque, a exemplo do Ibirapuera. Um parque dessa magnitude, coberto de área verde, não beneficiaria apenas os moradores da região - é de interesse de toda a população da cidade, hoje com gravíssimos problemas de poluição.

Com uma localização privilegiada ao lado da linha do metrô, um parque no Carandiru atrairá crianças e adultos de todas as partes de São Paulo em busca de lazer sadio e barato, visto que o Ibirapuera já se apresenta pequeno para atender à população paulistana.

Qualidade de vida é fundamental. É inconcebível a idéia de se perder oportunidade tão rara, como é a disposição de tal área, e deixar de oferecer à população de nossa cidade um bem tão precioso como será o parque do Carandiru.

União confirma ter verba para implodir Carandiru

Planejamento vai liberar R\$ 97 milhões para demolir Detenção e construir 9 presídios

RENATO LOMBARDI

O presidente do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, do Ministério da Justiça, Paulo Tonet, afirmou ontem que, com a derrubada dos pavilhões da Casa de Detenção de São Paulo, será resolvido "o maior problema penitenciário do País". Ele disse isso ao entregar, ontem, ao governador Mário Covas, cópia do despacho do ministro Nelson Jobim propondo a imploração do presídio.

Tonet garantiu que a desativação da Detenção e do restante do complexo do Carandiru está no Plano Nacional de Direitos Humanos. Segundo ele, o dinheiro para a imploração e construção de nove presídios, para onde serão levados os detentos da Casa de Detenção, será liberado pelo Ministério do Planejamento. "A União já tem uma verba de R\$ 97

milhões para o projeto", disse. "O governo de São Paulo vai fornecer os outros R\$ 20 milhões."

Em três anos, vão ser construídos uma Casa de Detenção em Pirituba, na Zona Oeste da Capital, para 1, 2 mil presos, e outros 8 presídios, com capacidade para 600 detentos cada, em Parelheiros, na Zona Sul, Franco da Rocha e outros municípios da Grande São Paulo.

Obras — Tonet revelou que numa segunda fase também vão ser implodidas a Penitenciária do Estado, o Centro de Observação Criminológica (COC) e a penitenciária feminina.

Os novos presídios deverão ser construídos em terrenos do Estado. A meta é, em três anos, retirar da Detenção seus 6,5 mil presos. Até o final do ano o dinheiro já deverá estar liberado. Falta a mudança de zoneamento da área do Complexo do Carandiru. "É preciso acabar com essa masmorra", disse Tonet.

A prevenção à Aids no sistema penitenciário foi tema de discussão ontem. Hoje a doença atinge só em São Paulo mais de 60% dos presos.

POLÍCIA

Fim da Detenção deve ser anunciado amanhã

*Decisão acompanha
doação de R\$ 117
milhões para construção
de novos presídios*

RENATO LOMBARDI

O presidente do Conselho Penitenciário Nacional, do Ministério da Justiça, Paulo Tonet, deverá anunciar amanhã, em São Paulo, a assinatura do convênio com o governo do Estado para a liberação de R\$ 117 milhões e a implosão da Casa de Detenção. A informação é do secretário da Administração Penitenciária, João Benedito de Azevedo Marques.

Tonet virá a São Paulo para participar da reunião do Conselho Penitenciário do Estado, que vai avaliar a Aids nas prisões paulistas. Além de Tonet vão estar presentes representantes dos Ministérios de Relações Exteriores, Saúde, das Secretarias da Saúde e da Administração Penitenciária do Estado.

A desativação do complexo penitenciário do Carandiru está dependendo da mudança da Lei do Zo-

neamento pela Câmara Municipal. As assessorias técnicas da casa prepararam um documento favorável à implosão da Casa de Detenção, mas a maioria dos vereadores tem ignorado o projeto de autoria do vereador Paulo Roberto Faria Lima. "Nossa esperança é que tudo se resolva rapidamente porque o governo federal vai liberar a verba para a implosão", contou Azevedo Marques.

Com o fim do complexo do Carandiru, o governo espera construir 20 presídios com 500 vagas cada um. "É a maneira de acabarmos com a superlotação e dar condições para que os presos cumpram as penas e voltem para a sociedade."

A Casa de Detenção tem capacidade para 3.200 detentos e está

com quase 7 mil, recebe a cada semana novos 200 homens. O relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), da Assembleia Legislativa, sobre os estabelecimentos prisionais de São Paulo, concluído em abril,

AIDS

TAMBÉM ESTÁ
NA PAUTA DO
ENCONTRO

menção que o problema da Aids atinge todo o sistema e na Detenção o hospital com capacidade para 60 doentes abriga 16 por absoluta falta de funcionários.

São Paulo tem 68% dos presos cumprindo pena sem trabalhar

Violência

B-176

Quarenta mil detentos de São Paulo vivem ociosos. Secretário-adjunto de Administração Penitenciária diz que "é difícil conseguir ensinar uma profissão aos detentos"

Sessenta e oito por cento dos presos existentes no Estado de São Paulo vivem na mais completa ociosidade nos presídios. Dos 59.613 presos recolhidos nos 41 estabelecimentos penais e 93 distritos do Estado, somente 19.404 possuem alguma atividade dentro dos presídios. A situação é mais grave quando se sabe do direito de remissão da pena dos detentos. Para cada três dias de trabalho na cadeia, o preso abate um dia de sua condenação.

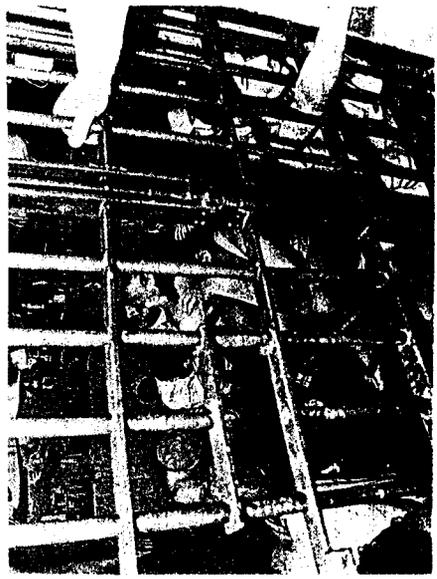
A diretora da Fundação Estadual de Apoio ao Trabalhador Preso (Funap), Sandra Amaral de Oliveira Faria, 45 anos, disse que somente uma

parceria entre a empresa privada e o sistema prisional poderia diminuir o número de presos ociosos. "É mito que preso não gosta de trabalhar. Ele não só gosta como precisa de trabalho", garante.

O secretário-adjunto de Administração Penitenciária, Cláudio Tucci, 53, diz que o baixo nível cultural e a falta de qualificação dos presos são os principais fatores que impedem o trabalho. São Paulo possui 36% de toda a população carcerária do país. De acordo com Tucci, como 10% dos detentos são analfabetos e 60% não completaram o 1º grau, "fica muito difícil ensinar uma profissão". (Edilson Ribeiro)



Rosana Alves faz equipamento hospitalar na Penitenciária Feminina



Detentos no 14º DP (Pinheiros); ninguém trabalha nos distritos policiais

Trabalho "regenera"

"O trabalho modifica e a pessoa regenera. É a única coisa que faz bem aqui no presídio."

A afirmação é de Rosana Alves de Oliveira, 33 anos, condenada a 16 por homicídio e cinco anos por tráfico de drogas. Por seu bom comportamento, ela poderá ser colocada em liberdade condicional.

Trabalhando na oficina de fabricação de material hospitalar da Penitenciária Feminina, Rosana recebe cerca de R\$ 180,00 mensalmente.

Dos salários, R\$ 150,00 ela manda para a manutenção de seus cinco filhos, que estão com sua mãe em São Miguel Paulista. "Eu uso o restante para comprar algum creme, porque mulher sempre tem vaidade e precisa se cuidar", conta.

Rosana fala que o trabalho na prisão não é só bom para se manter uma atividade e ocupar o tempo no presídio. Segundo ela, quando se quer a liberdade provisória, os juízes analisam as atividades desenvolvidas pelo preso na cadeia. Para ela, "o trabalho é uma motivação". "Eu quero sair daqui para poder cuidar dos meus filhos." (ER)

Microempresária elogia iniciativa

A microempresária Mirres Aparecida Silvestre, 35, afirma que não poderia ter sua confecção se não fosse a ajuda das presidiárias. Ela produz 150 peças de lingerie empregando 4 detentas.

Sistema é criticado

Margarida Helena de Paula, ex-coordenadora da Subcomissão do Sistema Prisional da OAB e estudiva do sistema carcerário, diz que é preciso cuidado na exploração da mão-de-obra. "Muitas vezes o preso é escravizado pelo empresário e acaba tomando lugar de um trabalhador", diz.

Detenta ganha salário mínimo

presas recebe em média um salário mínimo. Elas trabalham como se estivessem em uma indústria. A presa começa as atividades às 8h e termina às 18h. "Se há uma coisa que eu exijo aqui é pontualidade", diz Jacyra Lopes Brancalão, 61, diretora de qualificação profissional e produção.

Segundo Jacyra, a idéia é aumentar o número de empresas utilizando a mão-de-obra das presas. Ela explica que é duro o trabalho de convencimento dos empresários para investir na massa carcerária.

"Os empresários não têm conhecimento das vantagens de se investir nos detentos." (ER)

A Penitenciária Feminina do Estado de São Paulo é um dos locais onde há mais presas trabalhando. Em um convênio feito pela direção da penitenciária, cinco empresas empregam a mão-de-obra das detentas.

Noventa por cento das 368 presas produzem desde artigos de confecção e brinquedos até equipamento hospitalares e pastas escolares.

Segundo a diretora, Carmem Lúcia dos Santos, 45 anos, o trabalho das detentas rende mensalmente cerca de R\$ 36 mil, que é dividido entre manutenção do presídio e salário das presas. Pelo trabalho, cada

Detenção vai ser implodida em até 3 anos

Decisão de destruir complexo do Carandiru e construir 8 prisões de porte médio será anunciada amanhã pelo governo federal, durante lançamento do Plano Nacional de Direitos Humanos

RICARDO AMARAL

BRASILIA — O destino da Casa de Detenção, o maior presídio da América Latina, está selado: o conjunto de 7 edifícios, no complexo do Carandiru, na Zona Norte, será implodido tão logo sejam construídos 8 presídios para abrigar seus mais de 6 mil presos. A destinação do Carandiru, palco da maior chacina da história penitenciária do País, em 1992, e da espetacular fuga de 61 detentos, quinta-feira (veja na página 11), é uma das metas do Programa Nacional de Direitos Humanos, que será anunciado amanhã.

O governo quer transformar a implusão num marco da política de respeito dos direitos humanos. "Aquele local tem de ir para o chão", diz o diretor do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), do Ministério da Justiça, Paulo Tonet Camargo.

O lugar deve ser vendido pelo governo de São Paulo a incorporadores privados, no máximo em três anos. Esse é o tempo necessário para a construção dos outros presídios, numa perspectiva pessimista. "Pode ser mais rápida, dependendo da velocidade de liberação dos recursos", calcula Tonet.

Na divulgação do Plano de Direitos Humanos, o Ministério da Justiça pediu ao Tesouro Nacional verba extra de R\$ 98 milhões. Somados os R\$ 22 milhões do governo de São Paulo, os recursos seriam suficientes para construir 8 presídios médios, onde seriam instalados os 6 mil presos do Carandiru.

O custo da construção de um presídio médio, para 700 presos, é hoje

de R\$ 15 milhões. O preço pode subir, se forem adquiridos equipamentos eletrônicos de segurança e vigilância, mas o Depen e o governo do Estado trabalham com a opção mais simples. Os autores da ideia também acreditam que, depois da implusão, a venda da área seja utilizada no custeio das obras e na manutenção do sistema penitenciário.

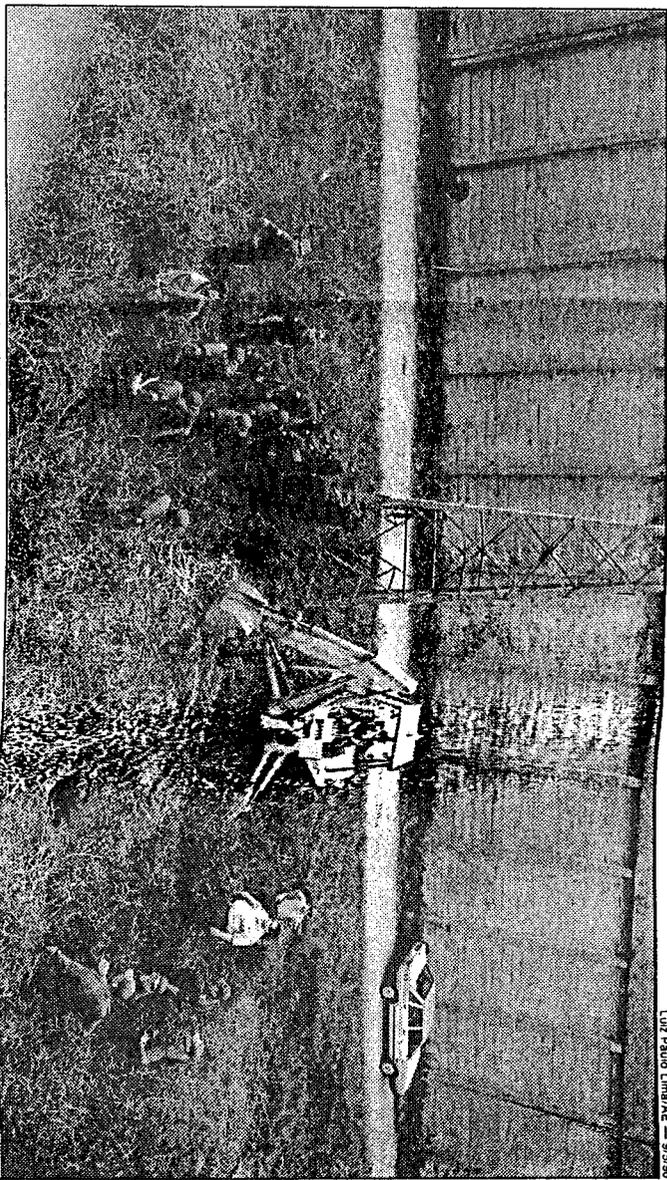
Mas há outro motivo para implodir a Detenção. Os administradores do sistema penitenciário concluíram que, mesmo transferindo todos os presos, 24 horas depois a prisão estaria de novo superlotada, nas mesmas condições de hoje. O presídio acabaria recebendo condenados que estão em delegacias e cadeias ou nas ruas.

EXPECTATIVA É DE QUE DINHEIRO DA VENDA DA ÁREA FINANCIE SISTEMA CARCERÁRIO

São Paulo tem, hoje, 150 mil mandados de prisão a executar, por falta de vagas nas penitenciárias, de acordo com o Depen. Assim que fossem capturados, seriam, com certeza, "desotimizados" na Casa de Detenção, reativando o mecanismo perverso dos motins, da corrupção e das fugas, como a da última quinta-feira, quando detentos, traficantes e assaltantes de bancos conseguiram escapar por um túnel que começava numa das salas do Pavilhão 7 e desembocava dentro de uma casa a cem metros do presídio.

Policiais militares e agentes penitenciários são suspeitos de cumplicidade.

Segundo o Depen, a Detenção está fora dos padrões penitenciários do mundo civilizado. Atualmente não se tranca tantos presos em seis pavilhões, misturando criminosos de alta periculosidade com condenados a penas menores.



Policiais acompanham escavação do túnel usado na maior fuga da Detenção. Histórias de corrupção, violência e motins se repetem



ARCHOTE

“Quando você entra, tem

“Quando você entra, tem vontade de sair correndo”

Especialista visitou prisão antes da fuga e ficou impressionado com as condições do lugar

Bastila — Quem conheceu uma cadeia acha que viu touros na Casa de Detenção. Um dos mais experientes especialistas em sentenças no Brasil visitou a Detenção dias antes da última fuga. E, protegido pelo anonimato, fez este relato ao *Estado*.

“Depois de passar pela porta principal, você está no pátio, no meio de 1,095 presos (era o número, antes da fuga). Todos homens, quase todos homicidas e pelo menos 10% delas em estado de barbárie, capazes de matar como quem acende um cigarro. Ficam no pátio de dia e nem o diretor pode chegar a seu gabinete sem passar por essa massa humana.”

“Em volta dos pavilhões, não se distingue um preso perigoso de um homicida casual, nem um detento de um agente penitenciário. São todos personagens do mesmo inferno. Só pode perceber quem eram os agentes porque eles fazem sinais com as mãos, uma espécie de comando ao qual os presos obedeciam por conveniência. Quem manda ali são os presos, não os agentes.”

“Diante de um sujeito de terno e gravata, certamente uma autoridade, e ao comando dos sinais, os presos jogavam as mãos para trás. Mas enquanto caminhávamos entre eles era possível ouvir: ‘Ai, autoridade, tô maluco para dar um tiro.’ A única coisa em que você consegue pensar é se alguém gritar ‘pegar!’ Por onde é que eu vou sair?”

“O cartão de visitas daquilo é a cozinha. Esta desativada e é fácil perceber por que são 22 fogões industriais instalados num galpão erguido sobre uma espécie de fossa central. Com o passar do tempo, aquela mancha foi subindo à tona e impregnou o ambiente. O cheiro é insuportável. (Háje os presos recebem três refei-

ções). Teoricamente, um agente para seis detentos. Na verdade, descontando-se os que estão atrelados por razões médico-psiquiátricas, ferias, licenças e sistema de turnos, o índice cai de um agente para 400 presos. Só para ter um agente em cada porta de galeria, seriam necessários 120 por turno. Isso não existe.

dentos. Teoricamente, um agente para seis detentos. Na verdade, descontando-se os que estão atrelados por razões médico-psiquiátricas, ferias, licenças e sistema de turnos, o índice cai de um agente para 400 presos. Só para ter um agente em cada porta de galeria, seriam necessários 120 por turno. Isso não existe.

“Dentro dos pavilhões, você só entra se os presos quiserem. O Poder Público não frequenta, por exemplo, o Pavilhão 9. A própria direção sabe disso: pode-se entrar no Pavilhão 2 e, com alguma negociação, no 4. No resto, com a força policial, mesmo assim correndo riscos. Quando você entra, tem vontade de sair correndo. As paredes onde ainda há reboco são de uma suja cor marrom, com água ruibando. Percebe-se a umidade no ar. A instalação elétrica parece macarronada: fios entrelaçados, descompados, unidos por pregadores de roupa.”

“As celas são cubriculos com catres de cimento para 10 a 12 presos. No simples exame visual se percebe que 20% da população carcerária é de doentes terminais de Aids. Naquela falta de higiene, promiscuidade e umidade, a tuberculose, doença praticamente exíntica, está viva. Aquilo é uma estrutura de bactérias. Da vontade de entrar num chuveiro e depois desaparecer numa sauna.”

“Há armas de fogo lá dentro, só não se sabe onde estão guardadas. Há maconha, cocaína e crack. Crack é um flagelo no Carandiru. Presos e agentes estabelecem um comércio mútuo. Cigarros e drogas são as moedas. É assim em todo presídio, mas no Carandiru é incontável, porque são 6 mil presos. E, afinal, o que você vai esperar de um agente que trabalha num ambiente desses para ganhar R\$ 250,00 no fim do mês? Se pode ganhar o salário de um ano por uma partida de pó?”

“O sujeito que dirige um negócio desses devia ser enfiteusado, ganhar medalhas. Ele convive diariamente com essa miséria sem proteção alguma. Quando você entra lá, o único pensamento é: ‘Quando eu sair, vou ficar rico’.”

SÓ É POSSÍVEL

- CRUZAR O PÁTIO OU ENTRAR NOS PAVILHÕES SE OS PRESOS DEIXAREM

“O Melhor Presente Para Você”

Adquira um lote em Tamboré Residencial 2 de 1.000 m², pagando em 50 meses

Presente Para Você

O Dia A Dia

Das Mães,

Das Pais E

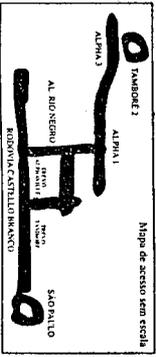
Das Filhas.

Muito lazer com Club de Poliesportivo, Tênis + Vôlei em Areia e Grama + Futebol Society + Recreio Infantil, Conforto, liberdade, Qualidade de Vida, Total Segurança em Magnífico Condomínio Fechado Numa Região Nobre Com Completa infraestrutura comercial

e de serviços. Tamboré, o verdadeiro prazer de viver em família todos os dias.

Exemplo:
Lote 8 da quadra 18 com 1.016 m²
Entrada de R\$ 14.983,10
2 parcelas de R\$ 7.491,55
e 48 mensais de R\$ 2.497,18
(Cômputo pelo CCM - FGV)

Lote R\$ 150.000
Casa R\$ 220.000*
*Custo de Construção R\$ 550,00 o m²
Total R\$ 370.000



Propriedade, Incorporação e Construção:

Exclusividade de Vendas:



FERNANDEZ MERA
alto padrão em negócios imobiliários

Visite planilha de vendas: Rodovia Castello Branco saída 23, Trevo Alphaville, em frente ao Residencial Alpha 3. Se preferir é só ligar: 3061-3366.

CARANDIRU *Situação é pior em três pavilhões*

Prédio da Detenção enfrenta problemas

da Reportagem Local

A Secretaria da Administração Penitenciária informou que três pavilhões da Casa de Detenção, no Carandiru (zona norte de SP), estão com "graves problemas" hidráulicos e elétricos. A água escorre pelas paredes. Há fios expostos.

No pavilhão 6, as tubulações de esgoto têm vazamentos embaixo da cozinha do presídio. "Há um odor fétido, podre no local", afirmou o secretário João Benedicto de Azevedo Marques.

A última grande reforma da Detenção atingiu apenas o pavilhão 9. Ela foi feita após o massacre de 111 presos em outubro de 1992.

Os pavilhões que estão em pior estado de conservação são o 8, o 6 e o 7. Eles abrigam quase 2.500 dos 6.200 detentos da unidade. Na semana passada, 51 presos escaparam do pavilhão 7 por um túnel de cem metros de comprimento.

Desativação

O secretário disse que a manutenção está sendo feita, mas que ele espera desativar o presídio. "É

a única solução para a Detenção."

Antônio de Paiva Brito, diretor do Contru (órgão da prefeitura que fiscaliza os imóveis na cidade), disse que só pode fazer uma vistoria na Casa de Detenção caso o governo estadual a requisite.

De acordo com Brito, não há como interditar o presídio por causa da impossibilidade de remoção dos presos para outros lugares. Segundo ele, a infiltração, quando é recente, não oferece risco para a edificação.

Sindicato

Segundo o sindicato dos agentes penitenciários, as condições de trabalho são péssimas no presídio. "Tem funcionário que precisa levar lâmpadas para poder fazer a contagem noturna dos presos", disse Paulo Gilberto de Araújo, 44, diretor do sindicato.

A Folha apurou que há tráfico de drogas e venda de favores aos presos por funcionários da prisão. "O sindicato refuta essas denúncias contra os funcionários da Detenção, que são trabalhadores e honestos", disse Araújo.

B-176

FUGA3 *Afirmção se baseia no fato de os presos terem lâmpadas, ventiladores e fiação elétrica para o túnel escavado*

Segurança da prisão falhou, diz delegada

da Reportagem Local

A delegada Enilda Soares Xavier, titular do 9º distrito policial, que investiga a fuga da Casa de Detenção, diz estar segura de que houve "falha na segurança interna e externa do presídio".

Ela se baseia no fato de os presos terem lâmpadas, ventiladores e fiação elétrica puxada do pavilhão 7 para dentro do túnel por onde escaparam.

"É preciso esclarecer como eles conseguiram tudo isso, mas é praticamente impossível pensar que foi sem ajuda, conivência ou desatenção de funcionários", disse.

Ela acha "estranho" o fato de o túnel ter sido cavado por pelo menos 30 dias sem que ninguém na Detenção tivesse se dado conta.

Enilda disse que a falha do pessoal externo ocorreu na muralha da penitenciária.

"Vamos apurar como é que ninguém viu o movimento na casa onde saíram, embora seja possível que isso tenha ocorrido sem dolo (intenção)."

A Secretaria da Administração Penitenciária informou ontem que uma comissão de sindicância formada por técnicos ligados ao gabinete do secretário está apurando eventual envolvimento de funcionários da Detenção.

O secretário João Benedito de Azevedo Marques pediu ao Ministério Público que um promotor acompanhasse as investigações.

cisco Santana havia contado à delegada que a fuga "custou uma grana alta", mas não especificou a quantia precisa.

Terra desaparecida

A polícia ainda não sabe com certeza se o túnel de cem metros foi feito de dentro da prisão para fora ou o inverso. A delegada diz ter "a impressão" de que foi cavado a partir da Casa de Detenção.

Ela informou que os tijolos e pedras encontrados na ponta do túnel que dava para a casa da rua Antônio dos Santos estavam limpos —o que, em sua interpretação, é um indício forte de que o piso foi quebrado de baixo para cima.

A delegada disse que o lugar em que foi depositada a terra saída do túnel ainda é um mistério. "Para o esgoto não foi. Talvez tenha saído em sacos de lixo."

A Secretaria da Administração Penitenciária pediu ontem nova peritcia nas dependências da Detenção, no túnel e na casa.

"Por enquanto, não dá para saber qual o sentido em que foi cavado o túnel", disse ontem Daniel da Cruz, assessor do secretário.

Nenhum recapturado

Ontem não houve nenhuma nova recaptura. Segundo a delegada Enilda Xavier, a intenção da polícia é obter informações de seu paradeiro por meio dos detentos do pavilhão 7 que não conseguiram escapar.

MORADORES



Toni Pires/Folha Imagem

O secretário João Benedito de Azevedo Marques pediu ao Ministério Público que um promotor acompanhe as investigações.

Antes de morrer, o preso Fran-

Detenção abortou 2 tentativas

da Reportagem Local

Duas outras tentativas de fuga por túnel aconteceram no últimos seis meses na Casa de Detenção, no Carandiru (zona norte de SP).

As escavações foram descobertas nos pavilhões 8 e 9. A água avermelhada de um bueiro e uma tenda ao lado da muralha denunciaram a existência dos planos.

A direção do presídio afirma ter aumentado a segurança após essas tentativas. Mesmo assim, 51 presos escaparam anteontem da prisão por um túnel de cem metros.

"É impraticável administrar a Detenção", disse Walter Erwin Hoffgen, 52, diretor do presídio.

Na primeira tentativa, em novembro passado, os detentos do pavilhão 9 cavaram um túnel e jogaram a terra em um esgoto que deságua em um riacho perto da sede do batalhão da PM responsável por guardar as muralhas da prisão.

"Um cabo estava passando perto do riacho e viu a água avermelhada. Imediatamente desconfiamos que um túnel estivesse sendo cavado", disse o tenente-coronel Antônio Carlos Mariano, comandante daquele batalhão da PM.

A Polícia Militar avisou a direção da Detenção, que localizou o túnel e impediu a fuga dos presos. Os construtores do túnel não foram identificados pela polícia.

Tendas

Em março passado, os presos resolveram mudar de tática. Alguns detentos do pavilhão 8 decidiram cavar um túnel junto a muralha do presídio durante o horário de visitas, no fim-de-semana.

cia é obter informações de seu paradero por meio dos detentos do pavilhão 7 que não conseguiram escapar.

(RSC)

contornar o alicerce de três metros de profundidade da muralha e sair em uma rua nos fundos da prisão.

Desta vez, um guarda da muralha percebeu a movimentação dos presos e alertou a Detenção.

Por intermédio de um escritório, o tenente-coronel requisitou que a direção do presídio proibisse a instalação de tendas no pátio, próximo à muralha. "Assumi o presídio há três meses e determinei essa proibição", disse Hoffgen.

Escavadeira

Um escavadeira entrou ontem de manhã na Casa de Detenção, no Carandiru, e destruiu a metade do túnel que permanecia intacta sob o pátio interno do pavilhão 7.

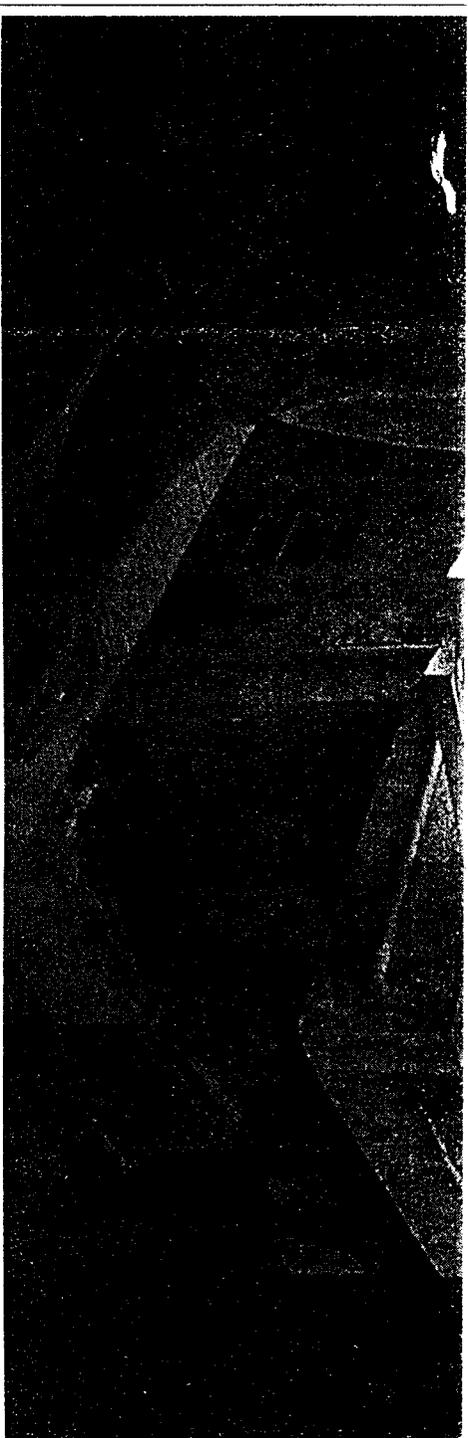
O trabalho foi feito durante a manhã. Os presos do pavilhão permaneceram trancados em sua cela. Durante os trabalhos, os policiais acharam mais três ventiladores usados no túnel pelos furtivos. Também foram achados pontos de iluminação e etacas usadas para evitar desabamentos.

"Para nós, é quase certo que o túnel foi feito a partir do interior do presídio", disse o policial.

A direção do presídio alega que o túnel começou a ser construído em uma casa do lado de fora da prisão, onde os presos saíram. (MARCELO GODOVY)

O complexo do Carandiru

- **Unidades:** Casa de Detenção, Centro de Observação Criminológica e Penitenciária do Estado
- **Nº de presos:** 8.665 (homens e mulheres); 1.784 são mulheres
- **Área:** 427 mil m²
- **Custo mensal da alimentação de**



Vizinhos seguem 'toque de recolher'

Para moradores da região do Carandiru, sirene contra fuga de presos é sinônimo de medo

JACQUELINE LATTARI
da Reportagem Local

Os moradores da região onde está instalado o Complexo Penitenciário do Carandiru, na zona norte de São Paulo, vivem em constante clima de medo.

A sirene acionada quando ocorrem fugas é o toque de recoltos dos moradores. "Quando toca a sirene a gente fica esperta. Entra em casa e tranca tudo", disse Nadir Arenque, 50, dona-de-casa.

Nadir mora há 26 anos em uma casa que tem fundo para o necrotério do presídio. "Nunca um

detento entrou em meu quintal." Ela diz que viu há cinco anos uma vizinha ser ameaçada com uma faca por um furtivo que pulou a cerca e entrou na casa.

"Apenas uma cerca nos separa. Não existe nem sequer um muro. É um absurdo", disse Nelson Gouveia Júnior, 23, e Fábio Javares, 24, moram em uma rua próxima ao complexo desde que nasceram. Eles dizem que suas famílias vivem trançadas em casa, com medo de sair.

Gouveia Júnior afirma que a única solução para as fugas é a desativação do presídio. "O governo deveria construir um está-

dio de futebol nesse local e transferir o presídio para o interior."

Outra moradora que defende a desativação do presídio é a dona-de-casa Ida Caldana, 57, há 37 anos vizinha do Carandiru.

"Não vejo a hora de essa cadeia sair daqui. Meu medo é ser feita refém em uma fuga ou levar um tiro durante um motim", disse.

Ida diz que quando escuta a sirene do presídio fica alerta e tranca a casa. "Sabemos quando acontece uma fuga porque os helicópteros sobrevoam a região à procura dos presos."

Segundo Ida, deveria ser realizado um recenseamento nos

presídios. "Os presos de alta periculosidade deveriam ser separados dos ladrões de galinhas."

A dona-de-casa Iracema Braga Neri, 58, ao contrário da maioria de seus vizinhos, diz que não tem medo de morar no local. O presídio feminino fica nos fundos da casa onde ela mora há 25 anos.

"Há uns dez anos vi três presos pulando o muro. Fingi que não as vi e ficou tudo bem. Nós não temos nada com isso", afirmou. Iracema diz que a única ocasião em que teve medo foi durante a rebelião de 92 em que 111 presos foram mortos. "Parecia uma guerra. Houve muita tensão."

Projeto de lei sobre desativação está arquivado

da Reportagem Local

Dois projetos de lei ligados ao Carandiru, de autoria do vereador Paulo Roberto Fari, Lima (PPB), estão parados na Câmara.

O outro prevê a desativação do presídio e depende da aprovação do primeiro.

O Carandiru está em uma área definida como Z-8, com pouco potencial de ocupação e cons-

para Z-4, própria para construção de escritórios, empresas e casas.

De acordo com o vereador, com o dinheiro da venda para empreendimentos seria possível

Segundo o diretor da Embraesp (Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio), Luiz Antônio Pompéia, a região do Carandiru é extremamente desvalorizada. "Não há ninguém que se interes-